

A SOMBRIA E VERDE TERRA AO SUL DO EQUADOR: gênero e imagem no trabalho de Ruth Landes

Laura Veronese¹
Débora Wobeto²

Resumo: Neste artigo analisamos a produção fotográfica de Ruth Landes no Brasil, com atenção especial às imagens das mães de santo e suas linhagens femininas. Diante desse material, obtido no acervo digital da National Anthropological Archives, tentamos situar a formação boasiana de Landes e sua incursão na agenda de pesquisa dos Estudos Africanos e dos Estudos Afro-americanos na década de 1930. Landes era uma mulher branca, solteira, judia e, aqui no Brasil, estrangeira, e são esses marcadores que articularam condições singulares de pesquisa e recepção de seu trabalho. Entendemos, por fim, que a salvaguarda do arquivo fotográfico e a produção escrita de memórias, mobilizado pela antropóloga entre as décadas de 1960 e 1990, são uma tentativa de (re)situar seu trabalho diante das preocupações contemporâneas da antropologia, bem como fornecer materiais inéditos para outros pesquisadores da área.

Palavras-Chave: Ruth Landes. Fotografia. Gênero.

THE BLEAK AND GREEN LAND TO THE SOUTH OF THE EQUATOR: gender and image in the work of Ruth Landes

Abstract: In this article, we analyse the photographic production of Ruth Landes in Brazil, with special attention to the *mães-de-santo* images and their female lineages. Based on this material, obtained from the digital collection of the National Anthropological Archives, we try to situate Landes' boasian training and her incursion in the research agenda of African Studies and African-American Studies in the 1930s. Landes was a white, single and Jewish woman, and here, in Brazil, a foreigner, and it is these markers that articulated singular conditions for the research and conditions of her work. Finally, we understand that the safeguarding of the photographic archive and the written production of memories, mobilized by the anthropologist between the 1960s and 1990s, are an attempt to resituate her work in the face of contemporary concerns of anthropology, as well to provide unpublished materials for others researches in the field.

Keywords: Ruth Landes. Photography. Gender.

Introdução

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. E-mail: lauraveronese13@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8316-2272>

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Bolsista CNPq. Email: deborawobeto@gmail.com E-mail: deborawobeto@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7985-6319>

Este trabalho se inicia a partir de uma investigação mais ampla, desenvolvida coletivamente no projeto de pesquisa intitulado “Antropologia, Fotografia e Patrimônio Imaterial no Brasil: uma perspectiva de gênero”³, coordenado pela professora Fabiene Gama, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como exposto por Gama (2020), o reconhecimento da autoria das mulheres não era uma prática comum nas primeiras expedições etnográficas no Brasil, realizadas no final do século XIX e na primeira metade do século XX. Embora muitos casais de pesquisadores cientistas viajassem juntos a trabalho, em geral são os nomes masculinos que figuram nas capas dos livros, enquanto os das mulheres, quando aparecem, estão relegados à qualidade de assistentes, datilógrafas ou simplesmente “esposas”.

Há algumas gerações, antropólogos e antropólogas brasileiras visitam o livro *A Cidade das Mulheres* (2002), entretanto, poucos conhecem as fotografias produzidas por Ruth Landes durante o trabalho de campo no Brasil. A antropóloga, à época recém doutora, chegou ao Brasil por meio de uma cooperação⁴ entre o Museu Nacional e a Universidade de Columbia. Sua tese, defendida em 1935 sob orientação de Ruth Benedict, tratava da sua vivência entre os Ojibwa no Canadá e já apontava seu interesse pelas relações de gênero naquela sociedade⁵. Em 1937, Landes foi convidada por Robert Ezra Park para lecionar na Fisk University, em Nashville. Boas e Benedict imediatamente a encorajam a aceitar o convite, argumentando que a instituição historicamente negra era o laboratório ideal para preparar o trabalho futuro de Landes no Brasil (Cole, 2003; Cunha, 2004; Filho, 2018). Além disso, a biblioteca daquela universidade possuía um enorme acervo dedicado aos estudos raciais no continente americano, onde a pesquisadora

³ O referido projeto segue em desenvolvimento no âmbito do Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Navisual/UFRGS) e do Grupo de Pesquisa "Gêneros, Imagens e Políticas" (CNPq/UFRGS). Além das autoras, conta com a participação das discentes de doutorado Luisa Pitanga, Marielen Baldissera, Karen Käercher e Thayanne Freitas, cujo apoio foi fundamental para a elaboração do recorte apresentado aqui. Também contribuíram com o projeto ao longo de 2019 e 2020 os discentes de graduação Dienifer Medinger, Fernanda Zepka, Priscilla Ceolin e João Ribeiro.

⁴ Heloisa Alberto Torres, então diretora do Museu Nacional, teria escrito a Franz Boas sugerindo a vinda de jovens antropólogos para o Brasil. Um primeiro movimento se deu em 1938, quando chegaram Ruth Landes, Charles Wagley, William Lipkind, sua esposa e o assistente Buell Quain. Landes seria a única a se dedicar aos estudos urbanos, enquanto os demais partiriam para o então campo convencional, junto às populações indígenas (Cole, 2003). De acordo com Corrêa (1997), os casais de antropólogos James e Virginia Watson (em 1943) e Yolanda e Robert Murphy (em 1952), realizaram trabalho de campo no Brasil por meio do mesmo acordo institucional.

⁵ A partir da pesquisa com os Ojibwa Ruth Landes publicou dois livros: *Ojibwa Sociology* (1937) e *Ojibwa Women* (1938).

poderia “acostumar-se com os negros”⁶ (Landes, 1967). Os contatos com Rüdiger Bilden (1893-1980) e Donald Pierson (1900-1995) também contribuíram com o investimento de pesquisa da antropóloga no país. Ambos desenvolveram estudos sobre a integração racial no Brasil, eram próximos de Arthur Ramos e Gilberto Freyre, confluindo acerca da noção de equilíbrio entre as relações antagônicas apresentadas em *Casa-Grande & Senzala* (Pallares-Burke, 2012)⁷.

Nesse contexto, Landes propôs um estudo comparativo acerca das relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos. Nas primeiras páginas de *A Cidade das Mulheres*, a antropóloga declara: “Ouvíamos contar que a grande população negra vivia fácil e livremente em meio à população geral e queríamos conhecer pormenores” (Landes, 2002: 35). O estudo comparativo foi abandonado tão logo ela aportou no Rio de Janeiro em maio de 1938, dedicando-se então ao estudo da matrilinearidade no candomblé. Pierson já havia chamado a atenção de Landes para uma lacuna de seus estudos no Brasil, encorajando-a a trabalhar com as lideranças femininas do candomblé na Bahia. Como incentivo, ofereceu a ela cartas de apresentação para dois de seus contatos mais proeminentes neste campo: o babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim e a ialorixá Eugênia Ana dos Santos, referida como mãe Aninha (Cole, 2003).

Após três meses no Rio de Janeiro, Ruth Landes seguiu viagem para Salvador e lá produziu quase a totalidade do material que mais tarde conformaria sua principal obra, tida como um divisor de águas entre aqueles que estudam dinâmicas religiosas e de gênero. O livro, contudo, não trouxe consigo as imagens daquela cidade de mulheres descrita em primeira pessoa. Não se sabe se foi uma decisão editorial⁸, uma imperícia no trato das imagens ou simplesmente um uso da fotografia para registro de cenários e personagens, prática tão cara ao culturalismo norte-americano. Qualquer que seja a razão, houve certamente uma preocupação em revelar e guardar um número significativo de fotografias produzidas na curta estada de Landes no Brasil. De acordo com Cunha (2004), Landes viveu um “quase exílio” no Canadá entre 1967 e 1991, momento de profícua produção e organização de memórias profissionais

⁶ No primeiro capítulo de *Cidades das Mulheres* (1947), Landes lembra que “Oito anos já se passaram e hoje parece incrível que a distância entre as raças no nosso país fosse tão grande a ponto de justificar a minha estada durante um ano entre negros, apenas por ser branca e, portanto, precisar acostumar-me com eles” (Landes, 1967: 37).

⁷ A leitura da obra de Gilberto Freyre no exterior e suas apropriações específicas por outros autores, como Ruth Landes, ainda precisam ser melhor investigadas e analisadas. Não encontramos, até aqui, referências diretas aos textos do autor, apenas apreensões difusas que circulavam entre a sua rede nos Estados Unidos e que levavam a assimilações como as expressas por Landes nas primeiras páginas de *A Cidade das Mulheres*.

⁸ A edição de 1994, em inglês, de *A Cidade das Mulheres* traz consigo um conjunto de 8 fotografias de Ruth Landes e que não foram reproduzidas na tradução em português, em 2002.

que após sua morte seriam doadas ao National Anthropological Archives (NAA)⁹. É neste órgão do Smithsonian Institution que encontramos um acervo digital com cerca de 600¹⁰ recorrências na seção de imagens, das quais mais da metade foi produzida no Brasil, incluindo fotografias, desenhos e cartões-postais reunidos por Landes durante sua carreira. Na mesma linha, é importante destacar o trabalho do Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira¹¹, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que disponibiliza em seu acervo a coleção de fotografias de Landes, situando e reconhecendo o trabalho da antropóloga na capital baiana.

O texto que ora apresentamos está dividido em três partes interdependentes, onde a produção fotográfica de Ruth Landes tem centralidade. A primeira seção expressa a proeminência de um conjunto de marcadores sociais que qualificavam Landes e sua pesquisa no Brasil. Nesse aspecto, retomamos as considerações de alguns autores sobre as críticas que a antropóloga recebeu à época da publicação de *A Cidade das Mulheres*, situando o modo como sua obra é revista a partir das considerações dos estudos de gênero. Em um segundo momento localizamos a fotografia de Landes no contexto da formação boasiana e selecionamos algumas fotografias para apresentar seus percursos de pesquisa. Aqui, focamos na presença das mulheres em sua tese central e em suas fotografias. Na sequência, nos dedicamos a analisar a relação entre imagem e memória. Concluímos apontando para a cadência e os desdobramentos gerados a partir da salvaguarda do arquivo e sua reanálise no contexto contemporâneo pós-colonial.

Ser mulher, estar no Brasil, desafiar o cânone

Como mulher, judia, solteira e branca, Landes não enfrentaria apenas o sexismo no campo acadêmico, mas uma série de fofocas sobre sua vida pessoal, seu viés político e suas escolhas teóricas (Cole, 2003; Lamphere, 2003; Oliveira, 2019). Descreditada por seus colegas

⁹ O acervo digital pode ser consultado em: <https://www.si.edu/siasc/naa>.

¹⁰ Ao pesquisar o nome “Ruth Landes” no acervo National Anthropological Archives (NAA), encontramos 694 ocorrências, das quais 89 correspondem à autoria de outras Ruths. No que se refere às imagens produzidas e reunidas no Brasil, identificamos a categoria geral “Brasil”, com 445 imagens, e outras subdivisões sobrepostas como: Bahia (Brazil : State) (424), Guanabara Bay (Brazil) (3), Rio de Janeiro (Brazil) (5), Salvador (Brazil) (424), Sugar Loaf Mountain (Brazil) (3).

¹¹ O acervo digital de Ruth Landes, organizado pelo Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira, pode ser consultado em: <https://museuafrodigital.ufba.br/ruth-landes>.

homens, dedicados em comprovar a dominância masculina nos terreiros e na academia, ela sofreu duras críticas assim que retornou aos Estados Unidos. A invalidação científica seguiu durante a redação do livro *A Cidade das Mulheres* e foi possivelmente um dos motivos para sua publicação tardia, em 1947, oito anos após a finalização do trabalho de campo no Brasil. Sua marginalização acadêmica a deixou sem emprego regular por cerca de vinte anos, até ser contratada em meados da década de 1960 pela McMaster University, no Canadá. Gondek (2016) aponta que Melville Herskovits (1985-1963) fora um dos responsáveis pela rejeição de Landes em diversos empregos, incomodado com seus métodos “não-ortodoxos” em pesquisa etnográfica e com os relacionamentos amorosos da antropóloga com homens negros, como Elmer Imes, da Fisk University, e Edison Carneiro, no Brasil. Além disso, rumores de que mantinham relações sexuais em troca de informações, por exemplo, eram uma forma constante de depreciação científica de diversas cientistas sociais judias por parte de seus colegas homens (Gondek, 2016).

Na biografia escrita por Sally Cole, *A Life in Anthropology*, a autora descreve Landes como uma “anomalia”: uma mulher antropóloga que buscou cumprir suas obrigações pessoais e profissionais ciente de sua beleza, inteligência e sexualidade. Partindo disso, Landes sabia que seu gênero, sua raça¹² e sua classe seriam limitadores de sua mobilidade, sobretudo num contexto de repressão policial¹³ contra os terreiros e da ascensão do nazifascismo e antisemitismo no Brasil e no mundo. Em cartas trocadas com sua mentora, Ruth Benedict se preocupava com a falta de trabalho para seus orientandos homens, enquanto Landes observava as contradições da criação da imagem do Brasil moderno e inclusivo, erigido às custas de mais de trezentos anos de escravidão, e sob o comando da ditadura varguista. Enquanto procurava sua validação na etnologia brasileira, percebeu que as únicas antropólogas estrangeiras no país no período eram esposas de antropólogos, e que seu estado civil poderia ser, também, mais um motivo de desconfiança, limitação e invalidação como pesquisadora. Nos primeiros capítulos

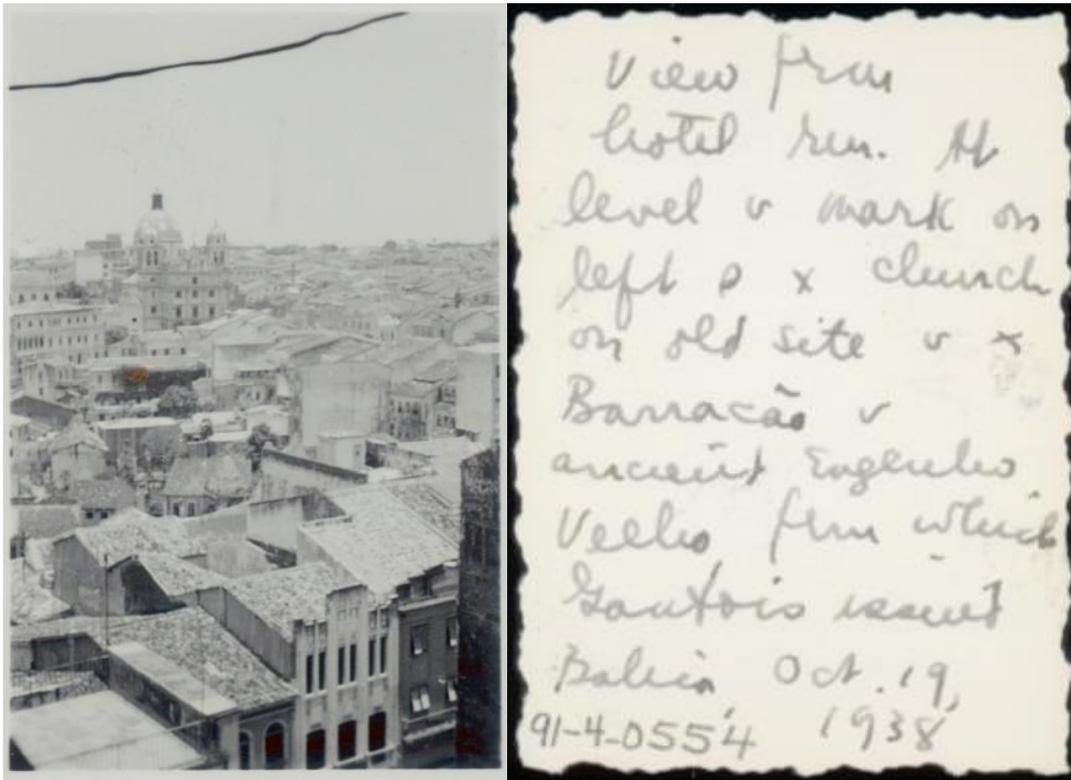
¹² A partir de cartas trocadas entre Landes e Benedict, Cole (2003) e Gondek (2019) apontam que Landes não se identificava com uma “raça judia”, uma vez que essa categorização, a seu ver, se aproximava de significações nazistas pragmáticas do judaísmo. Durante os anos 1920 e 1930, no entanto, Landes realizou pesquisas em bairros negros estadunidenses, como o Harlem, seguindo a tendência de jovens judeus comunistas do período. Essa experiência trouxe mudanças em sua perspectiva sobre antisemitismo e racismo no contexto brasileiro, sobretudo ao ouvir declarações eugenistas de personalidades políticas justificando o “atraso” cultural da nação ao “sangue negro”. Embora ela não tenha explicitamente discutido seu pertencimento judaico, Landes ressalta no início de *A Cidade das Mulheres* (1947) uma conexão entre as experiências judias e afro-brasileiras no que tange à discriminação e perseguição a opositores políticos na ditadura Vargas, denunciados como “comunistas”.

¹³ Referimo-nos aqui à perseguição policial local, tratada por autores como Ângela Luhnig no artigo “Acabe com esse santo, Pedrito vem aí...” - Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942”, e que difere daquela advinda do Estado na repressão do comunismo no Brasil.

de *A Cidade das Mulheres*, Landes comenta que suas caminhadas por Salvador só se tornaram possíveis pela companhia de Jorge, um funcionário do consulado estadunidense na cidade, e, depois por Edison Carneiro, uma vez que era praticamente impossível circular livremente pela cidade sendo uma mulher solteira e desacompanhada (Filho, 2018).

A condição de mulher estrangeira, jovem e solteira definiu a mobilidade de Ruth Landes no Brasil. Suas questões de pesquisa em torno das categorias de raça, classe e gênero participam ativamente da experiência da pesquisadora no país. Em uma carta para Ruth Benedict em 3 de Junho de 1938 ela escreve que “Ser mulher promete ser muito complicado [...] Aumenta as despesas... Devo viver em hotéis, não em apartamentos... Não posso viver sozinha na minha própria casa - apenas mulheres ‘francesas’ fazem isso. E, claro, tento o meu melhor para ser conservadora.”¹⁴ (Cole, 2003: 159). De acordo com Cole (2003), em boa parte da correspondência trocada com Benedict, Landes mostrava preocupação com seu custo de vida e com os processos de transferência de fundos de Nova York para o Brasil. Assim como outros intelectuais estrangeiros, Landes se hospedou no Palace Hotel, construído na primeira rua oficial do Brasil, em 1934, e próximo ao antigo Barracão do Engenho Velho. O Palace Hotel era frequentado por celebridades, como Carmen Miranda e Pablo Neruda, e por presidentes da República, o que justificaria seu constante policiamento e visibilidade na imprensa. Como era de costume, sua chegada à cidade de Salvador, com então 350 mil habitantes e população norte-americana que não ultrapassava duas centenas, foi um evento. Landes aparecera em diversos jornais baianos, do mesmo modo que Lorenzo Turner e Franklin Frazier ocuparam as primeiras páginas dos diários dois anos depois (Sansone, 2012).

¹⁴ Tradução nossa do original: “She had more pressing concerns: ‘Being a woman promises to be very complicating,’ she wrote to Benedict on June 3, 1938. ‘Jacks up expenses... I must live in hotels, not apartments... Can’t live alone in my own house - only ‘French’ women do that. And of course I try my best to be conservative” (Cole, 2003: 159).

Figura 1 - Vista da janela do Palace Hotel, 1938.¹⁵

Fonte: Box 62, Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Morar sozinha no Brasil conservador era um hábito das prostitutas - e Landes não foi confundida com uma delas apenas uma vez. Suas roupas e sapatos de couro chamavam atenção pelas ruas esburacadas e terrosas de Salvador. Essa imagem provocativa e “antiprofissional” de Landes, construída no Brasil e na América do Norte, contrastava diretamente com a tradição estadunidense feminina em pesquisa de campo com povos marginalizados, a qual a antropóloga já estava habituada. A presença e a independência das mulheres na vida universitária em importantes instituições, como a Universidade de Columbia, Yale e Cambridge, já era realidade desde o final do século XIX - muito embora o modelo ideal de cientista ainda pertencesse aos homens brancos de elite. Além disso, sua pesquisa se desenvolveu em meio à repressão da ditadura varguista ao comunismo, submetendo-a à vigilância constante e mais tarde obrigando-a a deixar o estado. Sabe-se que ela retornou ao Brasil entre maio e setembro de 1966, “na meia-idade, estou de volta rapidamente para ver o que aconteceu em 27 anos” (Cunha, 2004: 287), mas por questões médicas foi impedida de realizar o trabalho de campo previsto e segundo indica o arquivo consultado, também não produziu fotografias.

¹⁵ No verso da imagem Landes registra "View from hotel rm. At level of mark on left is x church [Basilica Arquibacial de São Sebastião] on old site of x Barracão of ancient Engenho Velho."

Landes havia sido apresentada aos círculos intelectuais nacionais logo após chegar ao Brasil, entre os quais estavam o médico Arthur Ramos, intérprete de Nina Rodrigues, e Heloísa Alberto Torres, então diretora do Museu Nacional. Os primeiros contatos entre eles convergiam com diversas comemorações do aniversário de quarenta anos da abolição da escravatura no Brasil, impulsionadas pelo presidente Getúlio Vargas. Até então, Landes não tivera problemas com os cânones dos estudos de raça da década de 1930, mas o cenário começa a mudar quando inicia sua etnografia em terreiros baianos e desenvolve seu próprio esquema interpretativo da cultura afro-brasileira. Como parte da tradição de mulheres antropólogas, suas contribuições sobre gênero, raça, posições de poder e sua própria posição como pesquisadora (Filho, 2018), desafiavam as estratégias da etnografia clássica e as responsabilidades éticas da produção deste conhecimento:

Ramos escreveu um capítulo intitulado, “Pesquisa Estrangeira sobre Brasileiros Negros”, na qual ele argumenta que Landes fez ‘generalizações perigosas’, falsificou conceitos e criou uma imagem falsa e invertida da religião negra no Brasil. Citando Herskovits, Ramos argumenta que a tese ‘matriarcal’ de Landes não tinha uma base de fato, e que na verdade o Candomblé era predominado por homens, apontando para a tradição patrilinear do Yorubá e do Daomé no Oeste africano (Barros 2005: 205; Corrêa 2000: 243–244; Landes 1970a: 128–129; Ramos 1942:186–192; Yelvington 2006:75). (Gondek, 2016: 4, tradução nossa¹⁶)

Apesar da má recepção na época, a experiência etnográfica de Landes se tornou significativa para os estudos feministas pós-coloniais a partir da década de 1990 ao tomar a (in)subordinação feminina como ponto-chave para refletir sobre as relações e hierarquias de poder contemporâneas. Somado a isso, sua escrita incompatível com o fazer antropológico canônico é hoje apreciada por aliar novas perspectivas raciais a uma etnografia metodologicamente inovadora e pioneira no que se propunha (Filho, 2018). Na antropologia clássica, elementos subjetivos do campo de pesquisa, como amizades e inimizades, não costumavam ser revelados nas etnografias. Neste sentido, Golde (1970) aponta como características pessoais do pesquisador podem influir em seu trabalho e afetar o processo etnográfico. No caso das mulheres, e sobretudo de Landes, ser fisicamente atraente e um sujeito “desviante” significava estar subjugada à desconfiança e provocações tanto da comunidade

¹⁶ Original: “Ramos wrote a chapter entitled, “Foreign Research about the Black Brazilian,” in which he argued that Landes made “dangerous generalizations,” falsified concepts and created an untrue and backward picture of black religion in Brazil. Citing Herskovits, Ramos argued that Landes’ “matriarchy” thesis had no basis in fact, and that in actuality Candomblé was male-dominant, tracing back to the Yoruba and Dahomey patrilineal tradition in West Africa (Barros 2005:205; Corrêa 2000:243–244; Landes 1970a:128–129; Ramos 1942:186–192; Yelvington 2006:75)”. (Gondek, 2016: 4).

científica, quanto dos nativos. Embora as pesquisadoras mulheres tivessem mais liberdade para transitar nos espaços privados, isso não significava fácil acesso às informações. As fotografias de Landes carregam também essa nuance, do olhar presente, mas afastado da vida ordinária, dos retratos preparados para gravar dados empíricos, sobretudo nomes e linhagens, e do acordo tácito com as interlocutoras em não registrar as experiências rituais que carregam consigo os segredos¹⁷ da religiosidade.

A Fotografia e a formação culturalista norte-americana

A popularidade das câmeras fotográficas no final do século XIX interessou os antropólogos instantaneamente, embora seu uso tenha sido de maior ou menor intensidade nas diferentes escolas de pensamento. A câmera foi inicialmente percebida como um meio para registrar o cotidiano das sociedades estudadas e capturar a realidade objetiva da diversidade cultural. As fotografias apresentadas por Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, por exemplo, procuram dar conta de comprovar que o antropólogo “esteve lá”, além disso, tingem visualmente a narrativa empreendida por Malinowski no texto. As imagens, apresentadas no apêndice do livro, traduzem a ausência de disposição reflexiva diante da fotografia no início do século XX. Mais do que isso, em seu diário, Malinowski revela pouca destreza com a câmera: “Ontem e hoje tive dificuldades para tirar fotografias; uma falta de jeito é um dos principais obstáculos ao meu trabalho.” (Malinowski, 1967: 176). Em uma síntese muito precisa sobre o uso da fotografia por antropólogos, Caiuby (2015) sinaliza que décadas antes de Malinowski, em 1883, Franz Boas fez uso da fotografia enquanto geógrafo, prática que migrou posteriormente para seus estudos de tipos físicos. O interesse em registrar os costumes que acreditava estarem em vias de desaparecer fez de Boas um grande incentivador da produção de imagens, formando ativamente estudantes para que registrassem de todas as formas possíveis aquilo que estavam experienciando em campo. Margaret Mead, amplamente reconhecida por sua produção fotográfica e fílmica, bem como os “fotógrafos nativos”¹⁸ Zora Neale Hurston e

¹⁷ Referimo-nos aqui à interdição relacionada ao registro imagético no espaço do barracão, local onde acontecem as cerimônias públicas e que também pode servir de dormitório coletivo após o momentos rituais e festividades.

¹⁸ George Hunt e Zora Neale Hurston são pesquisadores considerados nativos, ou neste caso, “fotógrafos nativos”, por colocarem no centro de suas investigações as sociedades com as quais tinham laços de pertencimento. De acordo com Caiuby (2015: 10), Hunt era “filho de um escocês e de uma Tlingit, que havia se criado entre os Kwakiutl” e que passa a registrar a pedido de Boas “aqueles costumes que pareciam em vias de extinção” naquela sociedade. Já Zora Hurston, antropóloga negra, foi incentivada por Boas e por sua financiadora, Charlotte Osgood Mason, a registrar em vídeo e em fotografia o cotidiano, as danças, a musicalidade, a religiosidade e os costumes

George Hunt, foram alunos de Boas e contribuíram amplamente para a composição de conjuntos imagéticos do culturalismo norte-americano.

Partindo do treinamento que recebeu de Franz Boas e Ruth Benedict, Landes fotografou intensamente em Salvador e também durante sua curta estada no Rio de Janeiro. Edison Carneiro a aconselhara a não tirar fotos ou falar com pessoas “descontentes” das classes baixas, por isso, segundo a mesma, gravadores nunca eram usados; sua atenção direcionava-se à observação, à escuta e à anotação dos eventos, mantendo-se próxima do povo e disponível para ouvi-los (Landes, 1970). Apesar das fotografias serem de pouca qualidade (muitas estão tremidas, desfocadas, com a exposição desregulada), sua coleção conforma um “acervo histórico e antropológico (como Mead esperava) das personagens e práticas de Candomblé e os lugares da cidade de Salvador” (Andreson, 2016: 20). Além disso, o modo como são feitas as anotações nas bordas ou costas das imagens, contendo a enumeração das personagens - por ordem de importância - (como na Figura 3), adiciona uma camada reflexiva a partir da observação direta e reconhecimento da autoridade religiosa das mulheres no calendário de festividades de Salvador. Associadas aos diários de campo, as cenas capturadas reforçam a tese central do livro ao refletir o cotidiano dos terreiros, marcado pela forte presença de mulheres e crianças. Segundo a própria Landes, “Nós visitamos pessoas de dia e à noite, comemos em suas casas, conversamos por longas tardes e noites com eles nas florestas, nas cidades, em ilhas, passamos dias e semanas em festas tediosas e ritos, tiramos fotos que ainda vivem” (Landes, 1970: 130, tradução nossa¹⁹).

das comunidades afro-americanas do sul dos Estados Unidos, onde a mesma havia sido criada. Para Boas, o acesso e a compreensão sobre certos aspectos da cultura seria facilitado para pesquisadores que não fossem alteridades radicais para seus nativos.

¹⁹ Original: “We visited people day and night, ate in their homes, chatted long afternoons and evenings with them in their forests, in the city, out on islands, passed days and weeks at tedious parties and rites, took pictures that still live”. (Landes, 1970: 130).

Figura 2 - Filhas de Xangô em frente ao Engenho Velho, 1938.



Fonte: Box 62, Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution

Figura 3 - Mãe Idalice com bacia de presentes na cabeça, sendo 4) seu marido, 2) sua mãe, e 3) sua filha com um bebê, numa cerimônia para Iemanjá, 1938.



Fonte: Box 62, Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution

As fotografias produzidas na cidade de Salvador, entendidas como o “estar lá”, em campo, são as mais numerosas no acervo. Na categoria denominada “Field photographs from Bahia, Brazil 1938-1939”, a maioria das fotografias vêm acompanhadas de anotações no verso que misturam português e inglês. No dorso de suas imagens, Landes registrou sobretudo nomes, lugares e datas para dar conta de organizar o trabalho de campo que se movia em torno do cotidiano na cidade de Salvador e do calendário ritual de festividades dos terreiros Engenho Velho e Gantois. A antropóloga fotografou o entorno dos terreiros, contextualizando sua geografia, seus fluxos e sua gente. Em outras cenas a câmera acompanha a vida ordinária no espaço urbano, vistas de passeios públicos movimentados e jogos de capoeira, com atenção a todos os gestos. O registro da gestualidade dos personagens, como sinaliza Moura (2004: 213), está em linha com a prescrição de Boas, que “estava sempre descrevendo a cultura *in motion*, isto é, em movimento [...] A história que está à mão e que deve ser entendida e registrada como tal é a história viva, imediatamente captada pelo pesquisador e imediatamente vivida pelo povo estudado.”

Figura 3 - Filhas do pai de santo Joãozinho da Goméia durante a lavagem do Bonfim, 1939.



Fonte: Box 62, Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

As mulheres, figuras principais da análise de Landes, ocupam também uma centralidade na produção imagética da antropóloga, que registrou numerosas séries de retratos nos quais as mães de santo são apresentadas individualmente ou junto às suas linhagens religiosas ou consanguíneas. As crianças, ligadas à tese da matrilinearidade, também ganham destaque nas fotografias, geralmente descansando, brincando ou participando de cerimônias coletivas. O terreiro para Landes não é apenas um espaço religioso, mas doméstico, e, apesar de ter acesso privilegiado a esse espaço privado, tira muitas fotos espontâneas de longe, sem intervir ou direcionar os fotografados. Os homens, em especial os ogãs, por sua vez, tinham trânsito limitado; por vezes, não podiam nem mesmo dormir nos barracões após atividades religiosas noturnas.

Figura 4 - Crianças descansando nas raízes gigantes de árvores no Engenho Velho, 1938.



Fonte: Box 62, Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution.

Figura 5 - Três netos de Sabina numa cerimônia para Iemanjá, 1938.



Fonte: Box 62, Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution

O uso da pose, a escolha de cenários e a composição da foto, onde todas as personagens estão posicionadas em linha e igualmente visíveis (como na Figura 2, por exemplo) são estratégias usadas com recorrência por Landes e que contrastam com a ideia de seus críticos sobre a proporção e o prestígio das mulheres naqueles terreiros baianos. Fotos posadas ou “encenadas”, sujeitas à intervenção do fotógrafo, por exemplo, não são sinônimos de dissimulação da realidade, mas, pelo contrário, importantes para a compreensão dos valores culturais e da autoimagem dos grupos representados. Assim, “poderia ser a intenção de Landes produzir uma foto assim [com mulheres e crianças], ou [isso] poderia refletir uma realidade cotidiana de quem ficava nos terreiros” (Andreson, 2016). Após a doação do acervo fotográfico para o National Anthropological Archives (NAA), seus diferentes usos acadêmicos permitiram novas leituras e interpretações histórico-discursivas para além da simples documentação da viagem e da pesquisa, mas que levam em consideração o contexto cultural em que tais imagens foram produzidas (Cunha, 2004: 292).

Imagem, memória e antropologia

A ideia de revisitar e organizar arquivos pessoais partiu do convite de Peggy Golde a Landes em 1967. Entre 1965 e 1973, Landes ocupou o cargo de professora na McMaster University, em Ontário, onde permaneceu até sua aposentadoria em 1973. Desobrigada das atividades acadêmicas e após a publicação do capítulo “A Woman Anthropologist in Brazil” (1970) no livro de Golde, a antropóloga passou a trabalhar com a preparação dos seus arquivos para a doação para o NAA, cuja categorização e reorganização foi refeita pelos arquivistas da instituição devido ao grande volume de materiais. Como salienta Cunha (2004), esse trabalho de documentar e sistematizar o passado, bem como disponibilizar seus arquivos ao público, era incomum para os antropólogos daquela geração.

A partir do contato com a coleção Ruth Landes Papers e de sua devida problematização, Olivia Cunha toma as imagens cronologicamente organizadas para identificar e recompor o trajeto realizado pela primeira. Nesta pesquisa arquivística e na viagem à Bahia, Cunha observa que “memória e visualização apareciam como dimensões complementares e inseparáveis” (Cunha, 2005: 21), e especula que um dos propósitos da produção de imagens por Landes fosse a recordação. Ao compartilhar a coleção com alguns filhos e filhas das mães de santo que protagonizaram o livro, revelam-se nomes incorretos, datas incongruentes, duplicatas, e a nomeação de apenas alguns seletos personagens, levando a crer que as legendas não foram escritas na hora em que as fotos foram tiradas, mas tempos depois.

Assim como outros arquivos científicos, aqueles que reúnem documentos escritos, visuais e iconográficos recolhidos, produzidos e/ou colecionados por antropólogos durante a sua trajetória profissional e pessoal caracterizam-se pela sua estrutura fragmentária, diversificada e, paradoxalmente, extremamente subjetiva. Os arquivos etnográficos e seu duplo, os arquivos pessoais, são construções culturais cuja compreensão é fundamental para entendermos como certas narrativas profissionais foram produzidas e como sua invenção resulta de um intenso diálogo envolvendo imaginação e autoridade intelectual. (Cunha, 2004: 296)

A partir da documentação da experiência concreta, a fotografia toma novas dimensões. Decifrar as imagens do passado é desmontar o signo fotográfico através de interpretações iconográficas e iconológicas do que está implícito e explícito ao receptor, mas não se encerra aí. As fotografias permitem ver mais do que fora visto em campo e resistem ao desaparecimento de seus autores; por isso, exigem um esforço em “descongelar” o momento capturado em um longo trabalho de imaginação para reconstituir tempo, espaço e personagens que não existem

mais. Não mais tomadas como um retrato fiel da realidade - ou a própria realidade -, os registros imagéticos tendem a ser compreendidos como produções carregadas de filtros sociais, motivações e ideologias (Kossoy, 2002). Nesse sentido, os cartões postais recolhidos por Landes no Brasil e jamais endereçados e enviados fazem um bom contraponto com as imagens que ela mesma produziu. Se os cartões-postais brasileiros tiveram, desde o início da República, a intenção de difundir e institucionalizar a imagem de um Brasil modernizado e europeizado (Kossoy, 2002), a partir do treinamento boasiano de Landes podemos inferir que as fotografias são sua “experiência capturada” (Sontag, 2004) na relação com a população negra candomblecista da Bahia dos anos 1930. Landes preocupou-se em registrar rostos, nomes, cenas ordinárias e extraordinárias, que permitem aos pesquisadores indagarem não apenas sobre religião, raça e gênero, mas sobre uma infinidade de outros elementos que talvez não chamem tanta atenção à primeira vista. Corpos, emoções, espaços urbanos, de moradia e religiosos, conformam uma espécie de narrativa extraoficial sobre o país que Landes veio conhecer e que se autoreferia como moderno e de pacífica convivência entre negros e brancos.

Considerações finais

A crítica direcionada ao realismo etnográfico²⁰ propõe à antropologia o desafio de procurar outros sentidos nas imagens que analisamos. Trata-se de pensar o que pode dizer uma fotografia quando não é mais acionada para comprovar ou ilustrar o que se lê no texto. Ainda que se reconheça uma estreita relação entre a fotografia de Ruth Landes e as reflexões empreendidas em *A Cidade das Mulheres*, procuramos aqui assinalar que há uma série de codificações possíveis que dizem respeito à conjuntura político-social na qual ela realizou o trabalho de campo. A filiação à escola culturalista norte-americana é um elemento preponderante para analisar a trajetória das fotografias de Landes, uma vez que sua contribuição não se dá pelo mero registro, mas pela salvaguarda e memorialização do material.

Dos espaços permitidos às margens invisíveis em sua etnografia, buscamos evidenciar os percursos de Landes pela cidade de Salvador, com especial atenção às mulheres, figuras centrais de sua análise. As críticas produzidas acerca do trabalho da antropóloga, e reanimadas por diferentes autores, combinam matizes de disputas científicas no Brasil e nos Estados Unidos

²⁰ Referimo-nos aqui às críticas de Marcus (1991) e Clifford (1998) sobre as etnografias realistas, bem como às ponderações de Peirano (1995) sobre o tema.

em torno do campo dos Estudos Africanos e dos Estudos Afro-americanos na década de 1930. No caso de Landes, entendemos que o descrédito dado a seu trabalho foi pautado por marcadores de gênero e justificado sob o espectro da etnografia clássica euroamericana. Além disso, destacamos o modo como seus percursos eram ajustados sempre a uma companhia masculina, para fins de proteção, ou à investida do estado policial de Getúlio Vargas, que foi determinante para o encerramento da pesquisa antes do tempo previsto.

Assim, ao analisar o conjunto de fotografias de Ruth Landes não pretendemos simplesmente ordenar imagens em uma sequência temporal, tampouco produzir encaixes com vistas à reconstrução histórica, mas aventar possibilidades de diálogo produzidas pelas ausências e controvérsias do material, como sinalizado por Cunha (2005). Por fim, concordamos que as fotografias de Landes não se resumem à documentação da pesquisa etnográfica, mas trabalham no sentido de articular possibilidades de interpelação e convivem com formulações provisórias sobre seus sentidos.

REFERÊNCIAS

ANDRESON, Jamie Lee. As mulheres nos terreiros: A coleção de fotos de Ruth Landes, 1938-9. In: *Anais da V REA & XIV ABANNE, GT-0024 - Imagens, Performance do Sagrado/Segredo*, 2015. UNIT, Maceió, Alagoas, v. 1, ed. 1, 2016.

CAIUBY, Sylvia. *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo, Edusp, 2015.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 17-62.

COLE, Sally. "Introduction". In: LANDES, Ruth. *The City of Women*. Albuquerque, The University of New Mexico Press, 1994.

_____. *Ruth Landes: A Life in Anthropology*. Lincoln, University of Nebraska Press, 2003.

CÔRREA, Mariza. A natureza imaginária do gênero na história da Antropologia. *Cadernos Pagu*, São Paulo, vol. 5, pp. 109-130, 1995. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1344>>. Acesso em 24 jun. 2021.

CUNHA, Olívia Maria Gomes. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 36, p. 7-32, julho-dezembro de 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2242>>. Acesso em 24 jun. 2021.

_____. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana*, Rio de Janeiro, Vol. 10, No. 2, pp. 287-322, 2004. Disponível em:

28

<https://www.scielo.br/j/mana/a/XYzjLRvbTLVNnfsZVMJTYgf/?lang=pt>>. Acesso em 24 jun. 2021.

FILHO, José Hildo de Oliveira. Ruth Landes and the remaking of the anthropological canon. *Vibrant, Virtual Brazilian. Anthropology*, Brasília, vol. 15, nº 3, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/vb/a/ycy7CBpy7FZjXdb43Y3vGCw/?lang=en>>. Acesso em 24 jun. 2021.

GAMA, Fabiene. Antropologia e Fotografia no Brasil: o início de uma história (1840-1970). *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2020. DOI: 10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.163363. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/163363>. Acesso em 30 jun. 2021

GOLDE, Peggy. *Women in the Field: Anthropological Experiences*. Berkeley, University of California Press, 1970.

GONDEK, Abby Suzanne. Race and gender hierarchies of knowledge in social science networks: Ruth Landes and the debates about ‘black matriarchy’ in Salvador, Bahia, Brazil 1938-1942. In: *American Sociological Association Annual Conference*. Seattle, 2016.

_____. Ruth Landes/‘she-maverick’: A Jewish gendered late style. *History and Anthropology*, Inglaterra, vol. 30, nº. 3, p. 331–351, 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02757206.2019.1577734?journalCode=ghan20>>. Acesso em 24 jun. 2021

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

LAMPHERE, Louise. Out of the Shadows: Reclaiming the Contributions of Ruth Landes. Ruth Landes: A Life in Anthropology. By Sally Cole. Lincoln and London, University of Nebraska Press, 2003. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/430019>>. Acesso em 24 jun. 2021.

LANDES, Ruth. A Woman anthropologist in Brazil. In: GOLDE, P. (Org). *Women in the field: anthropological experiences*. Berkeley, University of California Press, 1970.

_____. *A Cidade das Mulheres*. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão e notas de Edison Carneiro. 2 ed. revisada. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002 (1967).

LÜHNING, Angela. "Acabe com esse santo, Pedrito vem aí..." - Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942. *Revista USP*, [S. l.], n. 28, p. 194-220, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i28p194-220. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28377>. Acesso em: 3 set. 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. *A diary in the strict sense of the term*. London, Routledge & Hegan Paul, 1967.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia*, v. 34, p. 197-221, 1991.

MOURA, Margarida M. *Nascimento da antropologia cultural: a obra de Franz Boas*. São Paulo, Hucitec, 2004.

NOVAES, Sylvia Caiuby (Org.). *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo, Edusp, 2015.

OLIVEIRA, Amurabi. Ruth Landes (1908-1991) and Her Understanding of Brazil in The City of Women. *Asian Journal of Latin American Studies*, South Korea, Vol. 32, Nº 3, p. 29-41, 2019.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. *Gilberto freyre and Brazilian self-perception*. 2012.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SANSONE, Livio. *Estados Unidos e Brasil no Gantois: o poder e a origem transnacional dos estudos Afro-brasileiros*. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 27, p. 9-29, 2012.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Editora Companhia das Letras, 2004.